

Os Poetas do Servilismo e do Surreal

Publicado em 2025-06-10 21:39:39



Há quem diga que Portugal é o país dos poetas.
Mas poucos avisam que, entre os poetas do povo e os poetas do poder,
há um abismo feito de silêncio e salário.

No 10 de Junho, sob o céu limpo e as fanfarras patrióticas, alinham-se os
poetas do regime –
de penas douradas e linguagem aveludada –
que, com o rosto compenetrado e o coração em piloto automático,
declamam a grandeza da Pátria
com uma paixão tão ensaiada como um teatro de escola primária.

São os **poetas do servilismo**:

vestem-se de retórica, banham-se na glória de Camões e distribuem
pérolas em nome de um povo que, lá no fundo, já não os ouve.
Enquanto falam em “pluralismo saudável”, há gente a sobreviver com o
salário mínimo... que é, na verdade, um insulto máximo.
Enquanto falam da “nobreza da História”, esquecem-se que há filhos da
revolução a fazer fila no banco alimentar.

Estes bardos de palácio não são inocentes:
sabem bem o que fazem.
Poetizam a mediocridade, institucionalizam a ilusão.

Sabem que, com frases bonitas e metáforas grandiosas, se adoça o fel da injustiça.

É a sua forma de anestesiar o país.

E depois há os **surreais**, os que falam de “mistura de sangue”, de “fim das polarizações”, de “saídas suaves”...

Como se a fome fosse uma questão filosófica.

Como se a habitação não fosse uma urgência, mas um dilema poético.

Como se 50 anos de liberdade formal pudessem encobrir o facto de que muitos vivem hoje **pior do que viviam os seus avós**.

Esses poetas, que ontem citavam Camões, citam hoje o teleponto.

São os camaleões do lirismo institucional,

os trovadores do status quo,

os menestréis da manutenção.

Mas no subsolo deste teatro de vaidades,
há um outro Portugal —

um país de operários invisíveis, de mães sobrecarregadas, de jovens emigrados,

de reformados sem reforma digna

e de crianças que já nascem endividadas.

Esse Portugal não precisa de poemas.

Precisa de pão, de verdade e de um novo contrato social.

Porque o verdadeiro poeta do povo

não se senta no púlpito.

Grita da rua, escreve na parede,

morde a língua do poder

e versa com os pés na lama.

E tu, leitor, que lêes estas linhas:

não te deixes embalar pelas palavras do regime.

Desconfia dos poetas com cachecol de cerimónia.

Procura quem escreva com as mãos calejadas,

quem rime com a verdade,

e quem, em vez de aplaudir, **acorde**.

Porque o futuro não se declama.

Constrói-se.

E talvez esteja na hora de **calar os bardos do sistema**

para dar voz à crónica viva de um povo que já não aguenta mais poesia de bolso.

Artigo escrito por **Augustus Veritas Lumen** um poeta de consciência feita e lógica pura.

Imagem cortesia de OpenAI (c)